



# Os desafios do fundamentalismo para os estudos bíblicos e teológicos

The challenges of fundamentalism for biblical and theological studies

*Aíla Luzia Pinheiro de Andrade\**

UNICAP

*Alvaro César Pestana\*\**

UNICAP

Recebido em: 23/09/2022. Aceito em: 24/10/2022.

**Resumo:** O artigo faz uma abordagem sobre os desafios do fundamentalismo e tem como tarefas bem definidas: primeiro, apresentar um panorama geral sobre a história do movimento, desde seu surgimento até sua chegada ao Brasil; ainda, num segundo momento, abordar os principais desafios da ideologia fundamentalista em relação aos estudos bíblicos e à teologia. Para isso, foram percorridos os seguintes passos: primeiramente delinea-se o contexto histórico norte-americano no final do século XIX e, em estreita ligação com os acontecimentos daquela época, o surgimento do evangelho social; depois é mostrado o início do fundamentalismo e como a influência norte-americana chegou ao Brasil e a sua caracterização como uma forma de colonialidade. Breves informações são fornecidas sobre a estética fundamentalista a partir dos estudos de Júlio Zabatiero. Por fim, o artigo enfoca os desafios do fundamentalismo para a exegese e a teologia.

\* Doutora em Teologia (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, FAJE, Belo Horizonte, MG, 2008). Mestra em Teologia (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, FAJE, Belo Horizonte, MG, 2003). Graduada em Teologia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, FAJE, Belo Horizonte, MG, 2000). Graduada em Filosofia (Universidade Estadual do Ceará, UECE, Fortaleza, CE, 1998). Professora na Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

E-mail: aylanj@gmail.com.

\*\* Doutor em Ciências da Religião (Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP, Recife, PE, 2021). Mestre em Letras (Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP, 1998). Graduado em Teologia (Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil, FACETEN, Boa Vista, RR, 2014). Graduado em Química (Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, SP, 1982). Professor na Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

E-mail: alvarocpestana@gmail.com.





**Palavras-chaves:** *Fundamentalismo. Evangelho social. Estética fundamentalista. Exegese. Teologia.*

**Abstract:** *The article approaches the challenges of fundamentalism and its well-defined tasks are: firstly, to present an overview of the history of the movement, from its emergence to its arrival in Brazil; then, to discuss with the main challenges of fundamentalist ideology in relation to biblical studies and theology. For this, the following progression was investigated: an outlining of the North American historical context at the end of the 19th century is provided and, in close connection with the events of that time, also of the emergence of the social gospel; subsequently, the beginning of fundamentalism is shown and how the North American influence arrived in Brazil and its characterization as a form of coloniality. Brief information is provided on fundamentalist aesthetics from the studies of Júlio Zabatiero. Finally, the article focuses on the challenges of fundamentalism for exegesis and theology.*

**Keywords:** *Fundamentalism. Social Gospel. Fundamentalist aesthetics. Exegesis. Theology.*

## Introdução

O século XXI está marcadamente configurado por uma grande onda de fundamentalismo. Este se apresenta em diversas tendências caracterizadas pelo radicalismo na expansão de seus princípios, pela utilização de meios violentos contra pessoas e grupos elevados à condição de adversários, pela manipulação das massas no âmbito religioso e por todo tipo de fraudes para conseguir alcançar seus objetivos políticos e econômicos. O interesse deste estudo tem um foco, a saber, os desafios do fundamentalismo cristão em sua relação com os estudos bíblicos e teológicos, sem se ater a uma investigação exaustiva do fenômeno. O artigo visa também compreender o fenômeno do fundamentalismo em seu aspecto histórico, desde seu surgimento e seu desenvolvimento, traçando suas principais características, bem como os desafios que lança aos estudos bíblicos e à teologia. E, uma vez que a ideologia fundamentalista se tornou uma questão preocupante no cenário do Brasil atual e do mundo nas últimas décadas, trata-se de uma temática bastante relevante.

## 1 O contexto histórico do surgimento do fundamentalismo

Estudos atuais da historiografia colocam as raízes mais remotas do fundamentalismo na Guerra Civil americana (1861-1865)<sup>1</sup>. A escravidão

<sup>1</sup> A historiografia examina o modo como os historiadores estudaram um tópico usando fontes, técnicas e abordagens teóricas específicas e como um acontecimento do passado tem sido visto ou interpretado ao longo de diversas pesquisas.



foi a principal causa dessa guerra, quando os conservadores, partindo de uma suposta “soberania do povo” frente ao Congresso, defendiam o direito à propriedade, inclusive de possuir escravos. Isto levou o Sul a tentar formar um novo país com escravidão, enquanto o Norte se recusava a permitir isso. Ashworth, repetidamente, chama a atenção para o modo como as ideologias protegiam os interesses de classe, tanto a defesa da propriedade, pelos conservadores sulistas, quanto a resistência dos negros à escravidão.<sup>2</sup>

Imediatamente após a guerra, o maior desafio, então, era conceber um novo sistema de trabalho para substituir o mundo da escravidão que havia sido destruído. A vida econômica dos fazendeiros, dos ex-escravos, e dos brancos em geral foi fortemente transformada. O problema da desigualdade socioeconômica e o confronto de ideologias conservadoras e progressistas estava só começando.

Depois disto, no final do século XIX, houve a ascensão da industrialização urbana. Devido à expansão da indústria, houve um dramático crescimento populacional nas cidades entre 1880 e 1900, com um fluxo constante de pessoas vindas das áreas rurais e de imigrantes vindos do mundo inteiro.<sup>3</sup> Essa situação gerou uma alta taxa de pobreza, mão de obra barata, trabalho infantil, surgimento de favelas e cortiços e falta de segurança nas condições de trabalho.

Enquanto isso, os proprietários de indústrias tornavam-se cada vez mais ricos. Ainda que alguns dentre eles tivessem gestos de filantropia, a regra geral era a indiferença justificada por uma filosofia chamada darwinismo social que partia do princípio de que se a evolução das espécies favorecia a sobrevivência do mais apto, por que o forte deveria ajudar o fraco a sobreviver? As “raças” inferiores de imigrantes, latinos, afrodescendentes, asiáticos e judeus seriam superadas por uma linhagem mais prolífica, bem mais adaptada às condições do capitalismo industrial. As raças inferiores, silenciosamente e sem murmuração, iriam sendo eliminadas, em vez de suportar a competição acirrada que não conseguiriam repelir por meio da ação coletiva.<sup>4</sup>

<sup>2</sup> ASHWORTH, John. *Slavery, Capitalism, and Politics in the Antebellum Republic*. Vol. 1: Commerce and Compromise, 1820-1850. New York: Cambridge University Press, 1995, p. 487.

<sup>3</sup> GOHEEN, Peter G. Industrialization and the growth of cities in nineteenth-century America. *American Studies*, Vol. 14, No. 1, 1973, p. 49-65.

<sup>4</sup> LEONARD, Thomas C. Origins of the myth of social Darwinism: The ambiguous legacy of Richard Hofstadter's Social Darwinism in American Thought. *Journal of Economic*



O darwinismo social havia se apropriado indevidamente das teorias de Darwin para justificar os privilégios dos plutocráticos capitães da indústria. Chegou-se a sugerir que o inapto colocava a sociedade em perigo, de maneira análoga àquela em que a presença de gado inferior em um rebanho põe em perigo o tipo biológico.<sup>5</sup>

### 1.1 O surgimento do evangelho social

Até então, o tipo de protestantismo que havia predominado nos Estados Unidos era um evangelicalismo rural no qual as principais denominações históricas estavam congregadas em torno de doutrinas básicas do evangelho e tinham como finalidade missionária preparar as pessoas para a volta de Jesus. Com a paisagem desoladora dos abusos do capitalismo industrial, surgiu o evangelho social para combater essa situação, pois defendia reformas, por meio de legislação, que contemplassem as condições de trabalho inseguras, trabalho infantil, favelas e cortiços. Seus adeptos defendiam que somente dessa forma seria possível construir o Reino de Deus na terra. O evangelho social pretendia responder à crise social, articulando ética social esclarecida por uma visão religiosa do ideal do Reino de Deus, com os *insights* da moderna ciência social.<sup>6</sup>

Com o resgate da importância do Reino de Deus, o evangelho social enfatizava que os ensinamentos éticos de Jesus poderiam remediar os problemas causados pelo capitalismo industrial. Os líderes do evangelho social reivindicaram e apoiaram a legislação para uma jornada de trabalho de oito horas, a abolição do trabalho infantil e a regulamentação governamental dos monopólios de negócios, pois se baseavam no axioma de que o propósito fundamental da religião é criar mudanças sistêmicas nas estruturas políticas. Uma religião que se preocupa com as almas dos homens e não se preocupa com as condições sociais e econômicas que marcam a alma é uma religião que estava com os dias contados.<sup>7</sup>

O evangelho social sobreviveu por um breve período, mas teve um impacto duradouro, em tempos posteriores foi o que inspirou muitas

---

*Behavior & Organization*, vol. 71, 2009, p. 41. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0167268109000584>. Acesso em: 24 out. 2022.

<sup>5</sup> LEONARD, 2009, p. 47.

<sup>6</sup> KROEKER, Travis. Theology, ethics, and social theory: The social gospel quest for a public morality. *Studies in Religion*, vol. 20/2, 1991, p. 181. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5o23y4y>. Acesso em: 7 out. 2020.

<sup>7</sup> KROEKER, 1991, p. 183.



lutas por direitos das minorias, inclusive a luta de Martin Luther King Jr. Para Kroeker,<sup>8</sup> o fim do evangelho social não se deu por deixar as margens da ortodoxia dogmática, mas por aderir aos pressupostos da ideologia moderna do progresso liberal. O evangelho social não teria sucumbido por causa de uma secularização do sagrado, mas por acreditar que o Reino de Deus estava se realizando gradativamente através dos instrumentos do controle humano sobre a natureza e a história, e que restava apenas democratizar os instrumentos de produção, já que sua organização moralmente desordenada estava no cerne da crise social.

Tal abordagem não conseguia discernir que por trás da crise estava uma visão antropocêntrica baseada na crença que o progresso liberal resolveria todos os problemas sociais da humanidade, que tendo oportunidades igualmente acessíveis a todos, caberia a cada um aproveitá-las ou a desperdiçá-las. Dessa forma, pobres seriam aqueles que deixariam as oportunidades passar sem agarrá-las.

## 1.2 Os inícios do fundamentalismo

O principal fator responsável por apressar o fim do evangelho social foi o surgimento do fundamentalismo. Enquanto o evangelho social havia sido a expressão de grupos progressistas que articulavam religião e ciência moderna, o fundamentalismo foi a voz de grupos conservadores e de fechamento ao modernismo<sup>9</sup>. Apesar de suas posturas serem radicalmente diferentes, esses movimentos tinham em comum o mesmo ponto de partida, pois ambos surgiram com o propósito de mostrar como o cristianismo deveria lidar com os problemas modernos.

Enquanto o evangelho social combatia os abusos do industrialismo, o fundamentalismo surgia para combater a maneira moderna de ler a Bíblia, ou seja, a exegese histórico-crítica, que naquela época

<sup>8</sup> KROEKER, 1991, p. 184-185.

<sup>9</sup> O modernismo foi uma maneira de ver e expressar o mundo com o objetivo de inserir a modernidade em todos os âmbitos da vida humana. Por modernismo teológico se compreende a tentativa de conciliar a fé cristã com alguns princípios da filosofia moderna e com certas teorias da crítica histórica no final do século XIX e começo do século XX. O modernismo teológico deu lugar a uma crise religiosa e foi objeto de importantes atos do magistério do Papa Pio X (1903-1914), precisamente a encíclica *Pascendi Dominici Gregis*, que consagrou o uso deste termo ao sistematizar o movimento modernista e determinar sua condenação. Para maiores informações: MARLÉ, René. *Au coeur de la crise moderniste*. Le dossier inédit d'une controverse. Paris: Aubier, 1960.



era chamada de alta crítica, e a teologia liberal que desta se originou. O fundamentalismo negava qualquer vínculo entre os aspectos da fé e a ciência moderna, portanto, opunha-se ao evangelho social com seus *insights* vindos das ciências sociais. Contra a teologia liberal, os fundamentalistas acreditavam em uma teologia de volta ao básico, aos fundamentos, a saber, que a Bíblia não era um texto a ser interpretado visto que é revelação divina.

O termo “fundamentalismo” deriva de uma série de ensaios apolo-géticos intitulados *The Fundamentals: A Testimony to the Truth*, conhecidos simplesmente como *Os Fundamentos*, publicados entre 1910 e 1915, nos Estados Unidos. Esses ensaios esboçavam as verdades fundamentais nas quais todos os cristãos deveriam acreditar. Com o apoio financeiro de empresários que partilhavam dos ideais conservadores e contrários ao evangelho social, *Os Fundamentos* foram distribuídos gratuitamente nos Estados Unidos e depois tiveram ampla divulgação no mundo inteiro.

Em pouco tempo, o fundamentalismo, que tinha surgido como movimento teológico e eclesial, se tornou um movimento político, a começar com uma cruzada no estado do Tennessee, da qual, no início de 1925 surgiu uma lei que proibia nas escolas públicas o ensino sobre a evolução das espécies, naquela época chamada de darwinismo. Com base nessa lei, John Thomas Scopes, professor de biologia de Dayton, Tennessee, foi acusado e julgado por ensinar darwinismo nas escolas públicas. O caso se tornou mundialmente conhecido como *monkey trial* (julgamento do macaco) e fez com que o fundamentalismo fosse amplamente considerado como sinônimo de atitude obscurantista em relação à cultura em geral e à ciência em particular. No estado do Tennessee, a proibição do ensino sobre a evolução das espécies só terminou em 1967.<sup>10</sup>

No entanto, a proposta inicial de *Os Fundamentos* era ser uma expressão interdenominacional do movimento antimodernista dos teólogos norte-americanos, cujo objetivo principal era reafirmar as doutrinas cristãs tradicionais sobre Cristo e a Bíblia, a saber: (1) a inspiração da Bíblia pelo Espírito Santo e a inerrância das Escrituras como consequência disso; (2) o nascimento virginal de Cristo; (3) a morte de Cristo como expiação pelo pecado (expiação substitutiva); (4) a ressurreição corporal e retorno físico de Cristo; (5) a natureza literal dos relatos bíblicos, especialmente

<sup>10</sup> LIVINGSTONE, David N. B. B. Warfield, the Theory of Evolution and Early Fundamentalism. *Evangelical Quarterly*, v. 58, n. 1, 1986, p. 69.



em relação aos milagres de Cristo e aos relatos da Criação<sup>11</sup>. Das cinco doutrinas fundamentais, somente uma, a da inerrância da Escritura, está no âmbito estritamente exegetico, as demais são de cunho dogmático.

O problema, contudo, não está em professar os fundamentos da fé, mas no modo como estes são apresentados numa atitude que se diz anti-hermenêutica quando, de fato, é uma hermenêutica em forma de apologética anticientífica generalizada, que transforma a fé em intimismo irracionalizado e pietismo exacerbado.

### 1.3 A chegada do fundamentalismo americano no Brasil

O fundamentalismo no Brasil foi marcado pela junção do “Destino manifesto” com os “movimentos de contracultura” de grupos fundamentalistas vinculados aos meios de comunicação. O “Destino manifesto” é uma expressão cunhada em 1845 pelo jornal *New York Morning*, para designar os ideais do imperialismo americano sobre os países subdesenvolvidos. Nos inícios do século XX, essa ideologia ganhou espaço com a convicção de que Deus havia escolhido os Estados Unidos para guiar o resto do mundo nos caminhos do progresso e da liberdade. Para os fundamentalistas, esse destino dado por Deus implicava na missão de evangelizar indígenas, negros e católicos através da verdade que partia de uma cultura superior direcionada a pessoas de maioria analfabeta.<sup>12</sup>

Houve, então, uma passagem do campo das discussões bíblico-teológicas e das tentativas de influenciar as igrejas com as ideias fundamentalistas, para uma luta mais ampla, pela hegemonia cultural norte-americana sobre países subdesenvolvidos, cuja meta central era conquistar mais espaços de poder, especialmente, no campo da política.

Apesar de ser observado desde 1930 o uso massivo do rádio por lideranças religiosas fundamentalistas foi, especialmente, a partir de 1950 que a utilização dos meios de comunicação de massa, inicialmente o rádio e, em seguida, a televisão, tornou-se a principal arma dos “movimentos

<sup>11</sup> *The Fundamentals* está disponível na internet em: <https://tinyurl.com/y334phlv>. Acesso em: 7 out. 2020. Para uma versão impressa em português: TORREY, R. A. *et al.* *Os fundamentos*. São Paulo: Hagnos, 2006.

<sup>12</sup> GONZÁLEZ, Justo L. *Uma história ilustrada do Cristianismo: a era dos novos horizontes*. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 31-32 e 44.



de contracultura”. Nos anos 60, os “movimentos de contracultura” se lançavam cada vez mais em realizar programas de televisão declarando guerra à cultura vigente e acusando a sociedade moderna de desobediência à Bíblia. Lutavam contra as “artimanhas de Satanás”, a decadência moral da sociedade, o modernismo teológico e o comunismo ateu. Em 1960, tele-evangelistas já haviam consolidado espaço nos meios de comunicação como formadores de opinião, tornando-se a face mais popular do fundamentalismo, travestido de resgate dos valores tidos como cristãos, mas que tomavam como base a nação norte-americana.<sup>13</sup> O fundamentalismo se unia ao “Destino manifesto”.

A posterior influência que o poder da mídia religiosa passou a ter nos Estados Unidos cruzou as fronteiras norte-americanas e chegou ao Brasil, como consequência de um processo que refletia a influência geral dos Estados Unidos na cultura brasileira. Em 1970, os tele-evangelistas norte-americanos já ocupavam grande espaço na TV brasileira e influenciavam o ambiente evangélico no Brasil.<sup>14</sup> No Brasil, as igrejas fundamentalistas seguiram as diretrizes das igrejas norte-americanas, de onde haviam recebido o “avivamento” do Espírito Santo, constituindo-se como pentecostalismo e, posteriormente, neopentecostalismo. Missionários brasileiros tinham como objetivo introjetar no Brasil uma nova cultura burguesa, branca, anglo-saxã, da prosperidade.

Percebe-se claramente esta importação do pensamento fundamentalista anglófono para o mundo eclesial brasileiro, por exemplo, ao se observar a introjeção de um vocabulário estrangeiro, ligado às práticas do fundamentalismo, nas traduções bíblicas mais recentes feitas para o público evangélico brasileiro. A palavra “líder”, que é um anglicismo e que representa um aspecto da cultura moderna do Norte, quase não ocorria nas primeiras versões bíblicas protestantes, mas agora ocorre cerca de 300 a 500 vezes nestas traduções, assujeitando as comunidades ao discurso hegemônico fundamentalista a respeito da organização eclesial das comunidades.<sup>15</sup>

<sup>13</sup> BELLOTTI, Karina Kosicki. *Delas é o Reino dos Céus: mídia evangélica infantil na cultura pós-moderna do Brasil (anos 1950 –2000)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2010, p. 48

<sup>14</sup> BELLOTTI, 2010, p. 41-42.

<sup>15</sup> PESTANA, Álvaro César. *O discurso bíblico hierarquizante das traduções neotestamentárias: uma análise exegética e de discurso*. 2021. 597f. Tese (Doutorado) – Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Doutorado em Ciências da Religião. Recife, 2021, p. 387-389, 393-394.



## 2 O fundamentalismo extrapola o campo religioso

Para alguns estudiosos dessa temática, seguindo na linha de Marsden<sup>16</sup>, dever-se-ia falar do fundamentalismo como um movimento, uma subcultura, um *modus operandi*, do que limitá-lo a denominações específicas ou a tendências teológicas.

Para Júlio Zabatiero, baseando-se na genealogia foucaultiana<sup>17</sup>, é melhor definir o fundamentalismo em seu sentido amplo como sendo uma estética do existir. Estética aqui no seu sentido original grego, de uma forma de perceber o mundo, a partir da qual se emite juízo de valor sobre uma determinada realidade, se é boa ou ruim, agradável ou desagradável, bonita ou feia. Para Zabatiero, no fundamentalismo como estética do interpretar, “a verdade é estabelecida de modo autoritário, absoluto e intolerante”<sup>18</sup>. Uma estética do pensar, uma atitude hermenêutica do mundo e da vida, que perpassa diferentes movimentos e instituições e que “não se identifica com nenhuma teoria ou método específico, mas perpassa a todos igualmente”<sup>19</sup>.

Não se trata mais de uma identidade especificamente religiosa, mas de uma completa *mappa vitae* que legisla sobre cada aspecto da vida, defende Zabatiero<sup>20</sup> recorrendo à terminologia de Zygmunt Bauman. Nesse sentido, a estética fundamentalista “é o grotesco da experiência moderna da verdade, uma estética vivenciada pelo avesso, sob o signo da perversão”<sup>21</sup>.

O fundamentalismo é um subproduto da ontologia ocidental baseada em Descartes e no pressuposto nunca questionado da lógica parmenidiana. De Parmênides se herda o Princípio do Terceiro Excluído, que justifica a impossibilidade de conciliação dos diferentes: não

<sup>16</sup> George Marsden, historiador norte-americano que analisou extensivamente a interação entre o evangelicalismo e a luta pela hegemonia dos Estados Unidos, em particular sobre o papel do fundamentalismo em relação a esta.

<sup>17</sup> Consiste na busca de compreensão das relações de poder pelo exame de práticas discursivas e não-discursivas, tanto no campo do saber quanto nas estratégias do poder político.

<sup>18</sup> ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Hermenêutica fundamentalista: uma estética do interpretar. *Estudos de Religião*, ano XXII, n. 35, 2008, p. 14.

<sup>19</sup> ZABATIERO, 2008, p. 15.

<sup>20</sup> ZABATIERO, 2008, p. 18.

<sup>21</sup> ZABATIERO, 2008, p. 19.



há diálogo, mas as opções são, apenas, “é” ou “não-é”.<sup>22</sup> Destas lógicas, se nutrem os fundamentalismos e os autoritarismos. Quando isto é somado ao pensamento cartesiano, o *Cogito ergo sum*, alimenta posturas da univocidade, ou seja, uma postura de dominação e de imposição do pensamento como totalitário.<sup>23</sup> Não há diálogo, não há possibilidade de acolher outro ponto de vista de modo dialogal. As coisas são ou não são, e o indivíduo acaba sendo o detentor do poder de afirmar o que é e o que não é com seu “*cogito*”. O fundamentalismo, nada mais é, que uma variação dos processos de colonialismo e de dominação. Justifica o imperialismo,<sup>24</sup> justifica o colonialismo.<sup>25</sup>

Esta colonialidade que é congenial ao fundamentalismo, remete a um complexo padrão de poder sustentado em dois pilares: (1) o conhecer (epistemologia), entender ou compreender (hermenêutica) e (2) o sentir (*aesthesis*).<sup>26</sup> Logo, o fundamentalismo carrega imposições colonialistas de pensar e sentir da cultura ocidental excluindo a priori as outras opções válidas. Escapar do fundamentalismo e do colonialismo a ele associado requer o abandono da universidade unívoca por uma pluriversidade.<sup>27</sup> Trata-se da necessidade de uma desobediência epistêmica contra o pensamento hegemônico dominador. Disso faz síntese Mignolo:

*Mas para caminhar nessa direção, para desvincular-se da práxis de viver que a “Matriz Colonial de Poder” (MCP) embutiu, para se engajar na práxis decolonial de viver, é necessário construir caminhos decoloniais de saber, desobedecendo às regulações epistêmicas e subjetividades administradas pelo nível de enunciação do MCP.*

*Se a colonialidade é um quadro de sujeição, a decolonialidade deve ser o caminho de abertura para a libertação.*

<sup>22</sup> FERACINI, Luiz. *Os primeiros princípios do saber*. Campo Grande, MS: Solivros, 1999. p. 39.

<sup>23</sup> DUSSEL, Enrique. *Para una Ética de la Liberación Latinoamericana – Tomo 1*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Argentina Editores SA, 1973a. p. 106.

<sup>24</sup> REGINA, Jesus Eurico Miranda. *Filosofia Latino-Americana e Filosofia da Libertação: A proposta de Enrique Dussel em relação às posições de Augusto Salazar Bondy e de Leopoldo Zea*. Campo Grande: CEFIL, 1992. p. 55.

<sup>25</sup> DUSSEL, Enrique. *Para una Ética de la Liberación Latinoamericana – Tomo 2*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Argentina Editores SA, 1973b. p. 13-14.

<sup>26</sup> MIGNOLO, Walter. *Desobediencia Epistémica: Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: 2010. p. 12.

<sup>27</sup> MIGNOLO, 2010, p. 16.



*Mas isso não pode ser alcançado sem a desobediência epistêmica e a alegria criativa de conhecer além das disciplinas, o sistema moderno/colonial de ideias e a institucionalização da crença que colonizou (administrou) a espiritualidade.*

*Se, no entanto, a decolonialidade é a opção a ser promulgada para desvincular-se do MCP em todos os seus domínios, [...] não pode ser um imperativo missionário para controlar e dominar.<sup>28</sup>*

Logo, a crítica ao fundamentalismo se insere em uma crítica mais ampla, que abarca todo o paradigma europeu de racionalidade e modernidade como se fossem únicos e indispensáveis para toda a humanidade.<sup>29</sup> É necessário pensar a partir de outros lugares:<sup>30</sup> a busca de pluriversalidade ao invés de universalidade.<sup>31</sup>

Como bem pontuará Berger o “fundamentalismo pode ser descrito como um projeto de eliminação total da dúvida”<sup>32</sup> em um mundo pluralista e cada vez mais complexo.

### 3 Os desafios do fundamentalismo para a exegese e para a teologia

No campo dos estudos bíblicos, os fundamentalistas afirmam que, sendo inspirada por Deus, a Bíblia não pode conter erros, caso contrário, o Cristianismo entraria em colapso, de modo que os relatos da criação em sua forma literal, como revelação de Deus oferecem a verdade histórica sobre as origens do mundo e que, portanto, a teoria da evolução estaria contradizendo a verdade dos fatos. O fundamentalismo, desde suas origens, já surgiu com a meta de combater a exegese moderna, naquilo que foi denominado de “alta crítica”.

O fundamentalismo parte do silogismo que sendo Deus o autor da Bíblia, e Deus não pode errar nem conduzir ao erro, necessariamente, a Bíblia não pode conter erro algum. Primeiramente é necessário distinguir

<sup>28</sup> MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. *On Decoloniality: Concepts, Analytics, Praxis*. London: Apple Books, 2018. p. 478-479.

<sup>29</sup> MIGNOLO, 2010, p. 15.

<sup>30</sup> LASSACO, Jose Romero (comp.). *Pensar distinto, pensar de(s)colonial*. [Caracas:] Fundación Editorial El perro y la rana, 2020. p. 8.

<sup>31</sup> MIGNOLO, 2010, p. 16.

<sup>32</sup> BERGER, Peter L. *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 73.



entre erro e mentira. Sendo a Bíblia palavra humana e divina, então, as palavras divinas se tornaram “intimamente semelhantes à linguagem humana” (DV 13)<sup>33</sup>, “à maneira humana”, conforme as condições do tempo e da cultura (DV 12), nesse sentido, é natural que contenha erros. Erro não é sinônimo de mentira, que seria falsear deliberadamente a verdade com o objetivo de enganar outrem, mas erros que decorrem das limitações do conhecimento humano, as quais estão presentes no texto bíblico.

E, como a Bíblia também é palavra humana, para se fazer uma hermenêutica adequada é necessário situar o texto no contexto onde surgiu, no ambiente sociopolítico e cultural. Também é imprescindível discernir o gênero literário utilizado pelos autores bíblicos. É importante conhecer as possíveis fontes que os autores utilizaram e seus projetos teológicos. As ciências modernas são muito úteis na mediação entre o texto bíblico e o seu entorno histórico e literário. Em vez de inerrância bíblica, é melhor falar sobre verdade bíblica, a qual não se refere a aspectos históricos ou científicos, mas “a verdade que Deus quis manifestar nas sagradas letras para nossa salvação (*nostrae salutis causa*)” (DV 11). A verdade da Bíblia está relacionada aos aspectos salvíficos.

Para o fundamentalismo, a revelação divina se dá em proposições ou afirmações. Nesse sentido, cada vírgula, cada ponto, cada jota ou til como está em Mt 5,18, afirmam os fundamentalistas, saiu da mente de Deus para a mente do escritor sagrado. No entanto, a noção de que a revelação de Deus se deu de forma progressiva na história, tendo por objetivo convidar o ser humano a participar da vida divina (DV 2), deve conduzir todo aquele que lê a Bíblia a uma experiência existencial com Deus em vez da fixação numa bibliolatria estéril. Além disso, se a autoridade da Bíblia está relacionada ao fato de que é inspirada por Deus, é necessário ter clareza sobre o significado de inspiração.

Antes de tudo, a autoridade da Bíblia deve ser considerada “em razão de sua capacidade inspiradora, razão pela qual se constituiu em cânon”.<sup>34</sup> Quando se trata dos escritos bíblicos, o termo “inspiração” se refere a uma comunicação por iniciativa divina, feita a pessoas sobre algo vital para a fé. E já que o texto bíblico se originou na vida do povo, foi tradição oral e depois se tornou um escrito, fruto da experiência de

<sup>33</sup> DEI VERBUM. Constituição Dogmática do Concílio Vaticano II sobre a revelação divina. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2004.

<sup>34</sup> ARENS, E. *A Bíblia sem mitos: uma introdução crítica*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2011. p. 23.



uma comunidade de fé, “não se pode precisar quem foi inspirado, o que lhe foi inspirado e como se realizou a inspiração”.<sup>35</sup> Obviamente, não é possível considerar que o único inspirado foi somente aquele último elo da corrente da tradição bíblica, aquele que colocou as letras no pergaminho ou papiro. Gerações e gerações de pessoas inspiradas foram transmitindo, reinterpretando e atualizando “as gestas de Deus” na vida da comunidade de fé.

Neste ponto, uma palavra deve ser dita a respeito do texto de 2Tm 3,16, o qual é o único testemunho na Bíblia do uso do termo *theópneustos*, que se traduz por “inspirado por Deus”. No idioma grego, nem sempre aparece o verbo no texto, muitas vezes é colocado mentalmente no momento da leitura. Em 2Tm 3,16, dependendo do lugar onde o verbo é mentalmente colocado, muda a ênfase da frase. E já que a conjunção grega “*kai*” pode significar tanto o “e”, quando o “também”, esse versículo pode ser traduzido da seguinte forma: “Toda escritura inspirada é também proveitosa para ensinar”. Segundo Eduardo Arens, ocorreu uma mudança do plural (sagradas letras, *hiera grámmata*) no v. 15, para o singular no v. 16 (escritura, *graphê*). Logo, o autor da epístola está fazendo uma distinção: primeiro se refere ao texto autorizado no v. 15 (Antigo Testamento) e em seguida, no v. 16, menciona textos cristãos que naquele contexto já estão sendo considerados como inspirados pelas comunidades cristãs (2Pd 3,16). Em outras palavras, o texto de 2Tm 3,16 está afirmando que os “escritos ‘sagrados’ (canônicos), bem como outros também inspirados por Deus, são proveitosos, úteis em matéria de ética”.<sup>36</sup> É necessário lembrar que para o primeiro século um escrito pode ser inspirado sem ser canônico. Toda a tradição dos rabinos, ainda hoje, é considerada inspirada, sem, contudo, ser canônica.

Embora 2Tm 3,16 não esteja defendendo o dogma fundamentalista “inspirada, portanto, isenta de erros”, o texto afirma que a Escritura inspirada por Deus, no que se refere ao convite divino ao ser humano para um diálogo, é um compromisso existencial, uma aliança. Nesse sentido, a Escritura é a alma da teologia, porque esta se apoia naquela “como em seu fundamento perene” (DV 24), não como um reservatório de *dicta probantia* destinado a confirmar argumentos, proposições, teses, como o fazem os fundamentalistas que usam textos bíblicos para legitimar seus silogismos “teológicos”. O uso da Escritura como *dicta probantia* é uma

<sup>35</sup> ARENS, 2011, p. 239.

<sup>36</sup> ARENS, 2011, p. 251.



contradição porque o argumento básico do fundamentalismo, a tese da inerrância bíblica, não é mencionado em nenhum lugar da Escritura, ao contrário, a Bíblia corrige a si mesma, como está em Ez 18 (e Jr 31,29-30; Jó 21,19), sobre a responsabilidade pessoal pelo pecado, claramente corrigindo a noção de culpa hereditária em Ex 34,6-7 (e Lm 5,7). São textos escritos em contextos diferentes e demonstram que houve uma reinterpretção de conceitos mais antigos.

A famosa contradição de Provérbios 26,4-5 estabelece o requisito de uma interpretação bíblica de ponderação, de diálogo e de acolhimento de lógicas não binárias:

*Não respondas ao insensato conforme a sua estultice,  
para que não te assemelhes a ele;  
responde ao insensato conforme a sua estultice,  
para que ele não se imagine um sábio.*<sup>37</sup>

A contradição evidente é convite para a sabedoria. Assim, as diferentes posturas dos textos bíblicos não precisam ser aprisionadas em uma hermenêutica da univocidade, mas podem e devem trabalhar fora da lógica ocidental e acolher o “terceiro incluído”.

Abandonar a visão bipartida e dicotômica do fundamentalismo por uma visão ponderadora e dialogal, que vem dos próprios textos das Escrituras, favorece a ideia da diversidade, do diálogo e é contra os totalitarismos. O abandono da lógica exclusional, colonial e bipartida da cultura ocidental, da qual o fundamentalismo é uma manifestação, faz ampliar nossa lógica, levando em conta a possibilidade do “Terceiro não-incluído”,<sup>38</sup> sobretudo em questões teológicas, religiosas e éticas complexas, mediante o acolhimento do outro:

*A lógica do terceiro incluído não elimina a lógica do terceiro excluído: ela apenas limita sua área de validade. A lógica do terceiro excluído é certamente validada por situações relativamente simples, como, por exemplo, a circulação de veículos numa estrada: ninguém pensa em introduzir, numa estrada, um terceiro sentido em relação ao sentido*

<sup>37</sup> BÍBLIA TEB: notas integrais, tradução ecumênica. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2020. p. 1191.

<sup>38</sup> NICOLESCU, Basarab. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. São Paulo: Triom, [1999]. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4147299/mod\\_resource/content/1/O%20Manifesto%20da%20Transdisciplinaridade.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4147299/mod_resource/content/1/O%20Manifesto%20da%20Transdisciplinaridade.pdf). Acesso em: 22 jun. 2022.



*permitido e ao proibido. Por outro lado, a lógica do terceiro excluído é nociva nos casos complexos, como, por exemplo, o campo social ou político.*<sup>39</sup>

A abertura para outras lógicas além da decorrente da tradição ocidental greco-romana pode levar-nos a escapar das aporias que tanto o fundamentalismo como o relativismo oferecem, no âmbito do pluralismo da atualidade que tende a se tornar cada vez mais manifesto e evidente.

O texto da *Dei Verbum* afirma que as “Sagradas Escrituras contêm a palavra de Deus” (DV 24) e, por isso se tornam a alma da teologia. O termo “contêm” é muito sugestivo porque a palavra de Deus não pode ser reduzida à Escritura, embora o texto bíblico seja o meio privilegiado onde podemos encontrá-la. Na verdade, “o cristianismo é a religião da Palavra de Deus, não de uma palavra escrita e muda, mas do Verbo encarnado e vivo” (VD 7)<sup>40</sup>. O cristianismo é religião da palavra de Deus que é Alguém, Jesus de Nazaré, Logos encarnado, filho de Deus humanado.

Além disso, a Bíblia levou séculos para ser escrita, os textos bíblicos surgiram em contextos geográficos e culturais diversificados. Somente por isso, já é possível notar sua polifonia, como afirma um antigo *midrash* judaico, que a voz de Deus se dividiu em setenta vozes para que todos os povos a ouvissem (Shemot Rabbah 5,9) ou que a *Torah* tem setenta faces (Bamidbar Rabbah 13,15-16)<sup>41</sup>. Essas afirmações rabínicas supõem tanto a pluralidade de teologias presentes na Escritura quanto a variedade de interpretações realizadas por diversos leitores em diferentes contextos.

A questão que se coloca agora é: em que consiste o fazer teológico? Qual é seu ponto de partida? A fé possui um dinamismo interno que a leva querer saber de si mesma, compreender-se. A definição clássica de teologia feita por Anselmo de Cantuária é “*fides quaerens intellectum*”, a fé que exige o intelecto, que busca compreender a si mesma.<sup>42</sup> Mas essa

<sup>39</sup> NICOLESCU, 1999, p. 11

<sup>40</sup> VERBUM DOMINI: Exortação Apostólica Pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2010.

<sup>41</sup> *Midrash Rabbah* é o título dos grandes comentários rabínicos. *Shemot* é o livro do Êxodo. Disponível em: [https://www.sefaria.org/Shemot\\_Rabbah.5?lang=bi](https://www.sefaria.org/Shemot_Rabbah.5?lang=bi) e *Bamidbar* é o livro dos Números. Disponível em: [https://www.sefaria.org/Bamidbar\\_Rabbah.13?lang=bi](https://www.sefaria.org/Bamidbar_Rabbah.13?lang=bi) Acesso em: 7 out. 2020.

<sup>42</sup> LIBANIO, João Batista. *Eu creio, nós cremos*: tratado da fé. São Paulo: Loyola, 2000. p. 162.



definição feita por Anselmo não diz tudo sobre o fazer teológico. Outro elemento constitutivo da fé é o amor, no dizer de Tomás de Aquino, a pessoa ama a verdade que crê (ST II-II, q.2, a.10c)<sup>43</sup>, a “fé não se reduz ao assenso intelectual”<sup>44</sup>.

Portanto, o objeto da teologia é alguém, Deus, não um problema a ser resolvido pelo intelecto. A experiência com Deus, que se dá no nível intersubjetivo, é anterior ao fazer teológico. Trata-se de um conhecimento entre pessoas, entre sujeitos livres, um saber alcançado através do relacionamento, do envolvimento amoroso-afetivo.

Sendo antes de tudo embasado por um relacionamento da pessoa com Deus e dentro de uma comunidade de fé, o fazer teológico há que se perguntar pelas situações limites do ser humano. A teologia, portanto, se configura como “ato segundo”,<sup>45</sup> mergulhada no mistério da vida, torna-se sabedoria que frutifica da compaixão diante da degradação da humanidade e da criação. Tal teologia não está preocupada antes de tudo em fazer apologia de Deus, ou em defender a inerrância da Bíblia e, muito menos, em vomitar verdades absolutas e inquestionáveis, mas em dar voz a quem está sobrecarregado pela exploração de todos os tipos, pelos males da realidade atual como preconceitos, fome, luto, abandono e outros sofrimentos que são decorrentes do pecado social e da omissão de muitos. Uma verdadeira teologia está mais preocupada em exercer o *intellectus amoris* e o *intellectus misericordiae*.<sup>46</sup>

A realidade desafia e exige da teologia uma postura capaz de privilegiar a experiência de Deus e não o conhecimento puramente racional. Trata-se de fazer a experiência de Deus na totalidade da vida, percebendo a ação divina em todas as situações, principalmente naquelas em que ouvimos apenas o silêncio de Deus e quando Jesus dorme profundamente na popa do barco (Mc 4,38).

O sofrimento passa a ser teofania, perpassado pela graça, manifestação do Crucificado, pois Deus mesmo é solidário com as vítimas, já que o Filho viveu concretamente essa realidade. A vida sofrida e ex-

<sup>43</sup> Na versão da em inglês: <https://www.newadvent.org/summa/3002.htm#article10>. Acesso em: 8 out. 2020.

<sup>44</sup> LIBANIO, 2000, p. 162.

<sup>45</sup> GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: perspectivas*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 24.

<sup>46</sup> SOBRINO, Jon. ¿Cómo hacer teología? La teología como *intellectus amoris*. *Sal Terrae*, n. 910, p. 397-441, 1989.



cluída torna-se lugar teológico, pois o Filho tomou partido em favor dos sofreadores deste mundo, quando abdicou de todos os privilégios divinos e humanos (Fl 2,5-11) e assumiu a condição de crucificado, excluído, amaldiçoado, perante a sabedoria do mundo.

À máxima imersão de Deus nas realidades humanas, através do Crucificado, corresponde à máxima elevação do ser humano à esfera de Deus, no Ressuscitado. Uma teologia não imersa na realidade é forjada artificialmente, é um artefato, um ídolo que não favorece o encontro com Deus. Então, a teologia é mística, é uma contemplação, visão ampla e profunda sobre o Mistério de Deus e, na mesma intensidade, das realidades humanas, que exigem do fazer teológico estar de mãos dadas com uma conversão contínua, e em permanente mistagogia e anagogia.

## Conclusão

A raiz do fundamentalismo brotou na América do Norte em decorrência dos conflitos entre as ideologias dos nortistas com os sulistas, vindo a crescer e florescer dentro do evangelicalismo protestante conservador. Neste ambiente, dois pensamentos se confrontaram. De um lado, um cristianismo voltado para o social e alinhado com as ciências e o pensamento crítico; do outro, um cristianismo voltado para questões dogmáticas, confessionais e fechado tanto ao social como ao pensamento crítico. Em suma: o confronto do pensamento liberal com o pensamento conservador.

Neste conflito, os aspectos “inegociáveis” do fundamentalismo afirmavam muitos temas dogmáticos, mas nossa atenção recaiu sobre uma postura de âmbito exegetico, que diz respeito à inspiração e inerrância das Escrituras Sagradas. É esse aspecto do fundamentalismo que retira a Bíblia dos estudos críticos, aprisionando-a na dogmática das cristandades para servir como texto-prova dos mais diversos posicionamentos que precisa ser repensado e abandonado.

A entrada do fundamentalismo no Brasil faz parte do perene colonialismo que afeta vários âmbitos da nossa cultura. Em primeira instância ele se instalou na religião dependente da América do Norte e depois se transmutou em uma estética de interpretação autoritária, intolerante e absoluta. Hoje, percebemos sua ação justificadora, por meio da leitura fundamentalista da Bíblia, da violência, exclusão e opressão das oligarquias.



Nosso desafio frente à leitura fundamentalista da Bíblia que afirma que o texto “diz o que significa e significa o que diz” é ler o texto sagrado como via de acesso ao Verbo encarnado que, para além dos condicionamentos culturais, geográficos e históricos dos escritos, se apresenta como Alguém a ser buscado e experimentado, não nas fórmulas intelectuais fechadas e absolutas, mas na fé que busca a compreensão e se manifesta em *praxis* de misericórdia e amor.

## Referências

ARENS, E. *A Bíblia sem mitos: uma introdução crítica*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

ASHWORTH, John. *Slavery, Capitalism, and Politics in the Antebellum Republic*. Vol. 1: Commerce and Compromise, 1820-1850. New York: Cambridge University Press, 1995.

BELLOTTI, Karina Kosicki. *Delas é o Reino dos Céus: mídia evangélica infantil na cultura pós-moderna do Brasil (anos 1950-2000)*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2010.

BENTO XVI. *Verbum Domini*. Exortação Apostólica Pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2010.

BERGER, Peter L. *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Petrópolis: Vozes, 2017.

BÍBLIA TEB: notas integrais, tradução ecumênica. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2020.

DEI VERBUM: Constituição Dogmática sobre a revelação divina. In: *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2004.

DUSSEL, Enrique. *Para una Ética de la Liberación Latinoamericana – Tomo 1*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Argentina Editores SA, 1973a.

DUSSEL, Enrique. *Para una Ética de la Liberación Latinoamericana – Tomo 2*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Argentina Editores SA, 1973b.

FERACINI, Luiz. *Os primeiros princípios do saber*. Campo Grande, MS: Solivros, 1999.

GOHEEN, Peter G. Industrialization and the growth of cities in nineteenth-century America. *American Studies*, vol. 14, n. 1, p. 49-65, 1973.



GONZÁLEZ, Justo L. *Uma história ilustrada do Cristianismo: a era dos novos horizontes*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: perspectivas*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

KROEKER, Travis. Theology, ethics, and social theory: The social gospel quest for a public morality. *Studies in Religion*, vol. 20/2, p. 181-199, 1991. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5o23y4y>. Acesso em: 7 out. 2020.

LASSACO, Jose Romero (comp.). *Pensar distinto, pensar de(s)colonial*. [Caracas:] Fundación Editorial El perro y la rana, 2020.

LEONARD, Thomas C. Origins of the myth of social Darwinism: The ambiguous legacy of Richard Hofstadter's Social Darwinism in American Thought. *Journal of Economic Behavior & Organization*, vol. 71, p. 37-51, 2009. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0167268109000584>. Acesso em: 7 out. 2022.

LIBANIO, João Batista. *Eu creio, nós cremos: tratado da fé*. São Paulo: Loyola, 2000.

LIVINGSTONE, David N. B. B. Warfield, the Theory of Evolution and Early Fundamentalism. *Evangelical Quarterly*, v. 58, n. 1, p. 69-83, 1986.

MARLÉ, René. *Au coeur de la crise moderniste*. Le dossier inédit d'une controverse. Paris: Aubier, 1960.

MIGNOLO, Walter. *Desobediencia Epistémica: Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: 2010.

MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. *On Decoloniality: Concepts, Analytics, Praxis*. London: Apple Books, 2018.

NICOLESCU, Basarab. *O Manifesto da Transdisciplinaridade* [NICOLESCU, Basarab. O Manifesto da Transdisciplinaridade. São Paulo: Triom, 1999]. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4147299/mod\\_resource/content/1/O%20Manifesto%20da%20Transdisciplinaridade.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4147299/mod_resource/content/1/O%20Manifesto%20da%20Transdisciplinaridade.pdf). Acesso em: 22 jun. 2022.

PESTANA, Álvaro César. *O discurso bíblico hierarquizante das traduções neotestamentárias: uma análise exegética e de discurso*. 2021. 597f. Tese (Doutorado) – Universidade Católica de Pernambuco. Programa



de Pós-Graduação em Ciências da Religião. Doutorado em Ciências da Religião. Recife, 2021.

REGINA, Jesus Eurico Miranda. *Filosofia Latino-Americana e Filosofia da Libertação*: A proposta de Enrique Dussel em relação às posições de Augusto Salazar Bondy e de Leopoldo Zea. Campo Grande: CEFIL, 1992.

SOBRINO, Jon. ¿Cómo hacer teología? La teología como intellectus amoris. *Sal Terrae*, n. 910, p. 397-441, 1989.

THE FUNDAMENTALS. Disponível em: <https://tinyurl.com/y334phlv>. Acesso em: 7 out. 2020.

TORREY, R. A. *et al. Os fundamentos*. São Paulo: Hagnos, 2006.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Hermenêutica fundamentalista: uma estética do interpretar. *Estudos de Religião*, ano XXII, n. 35, p. 14-27, 2008.